

PENSAMENTO E POÉTICA VISUAL: INVESTIGAÇÃO DE ARTISTAS-AUTORES

O LADO OCULTO DO ESPELHO

O convite para participar neste projecto, que aproveito para agradecer, surge no âmbito do meu doutoramento em que abordei o auto-retrato nu.

O tema surgiu não de um esforço em encontrar algo que satisfizesse academicamente o propósito da originalidade e relevância exigidas aos estudos a que me candidatava, nem tão pouco de uma teorização em torno do auto-retrato como género artístico. Não me reconhecendo como teórico, mas a ter que observar as regras académicas, tratei simplesmente de dar continuidade a uma prática que me acompanhava desde tempos de estudante: a de pintar e desenhar o meu corpo nu e, no final, escrever sobre isso.

Para um pintor como eu, sem sensibilidade propensa a ver sinais que corroborem a vida do além, falar sobre o lado oculto de algo (neste caso da investigação) não me suscita outra interpretação que não seja aquela que implica falar sobre o que até agora só aos amigos (interessados) estava reservado em conversas que naturalmente surgem em volta de uma mesa (e não precisa de ser de pé de galo). Este lado oculto não constitui, como agora se diz, material “científico” de investigação.

Mas em boa verdade, das coisas que mais marcaram directamente a minha prática artística (e marcam) são as viagens que fiz para visitar museus, as exposições que vi, os pintores cujo trabalho povoou (e povoa) a minha imaginação, que de científica tem pouco.

Mas não percamos mais tempo, vamos ao que interessa.

Afinal, porquê retratar-me nu? Simples: porque na voracidade estudantil que me caracterizava ansiava por aprender a desenhar a figura humana e, de todos os corpos que se me afiguravam como possíveis para serem desenhados, o meu era o mais acessível.

Bastava ter um espelho.

Assim, por essa altura, em frente ao espelho, dei início ao que não passava de um mero exercício escolar.

Com o tempo, mesmo concentrado na aprendizagem e, por essa razão, depositando poucas ou nenhuma ambições artísticas nos resultados, não deixei

de me deparar com o carácter repetitivo das poses limitadas pelo facto de ser simultaneamente modelo e desenhador. Passados os anos de sacrifício estudantil e já na consciente prática artística de auto-retrato, este constrangimento físico foi, em certa medida, contornado. Como?

Recorri ao que tinha prazerosamente registado das viagens que durante algum tempo me levaram a visitar umas tantas igrejas de cidades italianas. Sou fascinado pelas pinturas dos tectos e abóbadas, repletas de seres esvoaçantes que dominam os céus em variadíssimas e acrobáticas posições vistas di sotto in su. Pois também eu me iria ver de baixo para cima, e em duplicado, com uma simples inclinação de um ou dois espelhos. A pintura reproduzida na figura 1 é disso exemplo.



Auto-retrato duplo, 2012. Com papel preto.
Óleo sobre tela – 120 x 100 cm.

Esta pintura começou por representar apenas duas figuras vistas de baixo ligadas pelo toque das mãos localizadas na mediana vertical do quadro. O papel escuro, que tem a pretensão de fazer as vezes de um drapeado (à grande e à italiana) foi acrescentado depois de completar as figuras, com o intuito de reforçar a ligação espacial entre elas e criar sensação de movimento, num humilde e impúdico tributo aos putti.

À semelhança dos frescos de temas mitológicos, alegóricos ou religiosos, em que as caras das figuras não são mais importantes do que o resto do corpo (pois não se trata de retratos), nesta pintura aqui reproduzida também não o são. Diria, por fim, sem intenção maldosa de confundir o leitor, que são apenas dois corpos disponíveis para posar do outro lado do espelho. Quem falou em auto-retrato?

RICARDO LEITE – Nasce no Porto em 1970.

Vive e trabalha no Porto.

Percurso artístico: Em 2000 participa, com um retrato, na Exposição do BP/Amoco Award na National Portrait Gallery, Londres (de 21 de Junho a 1 de Setembro) e Aberdeen Gallery, Aberdeen (de 28 de Outubro a 9 de Dezembro). Nesse ano vence o Prémio da I Bienal de Pintura Arte Jovem de Penafiel. Em 2006 é-lhe atribuído o Prémio Revelação de Pintura Caixa Geral de Depósitos / Centro Nacional de Cultura cujo júri foi constituído por Raquel Henriques da Silva, Rui Mário Gonçalves, Sílvia Chicó, Guilherme d'Oliveira Martins, pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), e Miguel Wandschneider

Em 2014 realizou o retrato oficial do Professor José-Augusto França que agora é propriedade da Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa.

Retratou figuras de relevo do panorama cultural, tais como Eduardo Souto de Moura, o escritor Richard Zimler, os pianistas António Rosado, Mário Laginha e Bernardo Sassetti, e o Pintor Eduardo Batarda.

Destaca-se a exposição realizada em 2018,

comissariada pelo Prof. José-Augusto França, que reúne retratos de personalidades da vida cultural nacional: O arquitecto Álvaro Siza, o filósofo Eduardo Lourenço, o escritor Mário Cláudio, os pintores Júlio Pomar, Nikias Skapinakis e Jorge Pinheiro, entre outros.

Percurso académico: De 2000 a 2009 desempenha funções de docente como assistente convidado na ESAP (Escola Superior Artística do Porto).

Em 2016 finaliza o doutoramento em Arte e Design na FAUP com o título Ao espelho o Eu é outros – o auto-retrato nu, pintura e desenho.

Foi formador nos cursos livres de desenho de figura humana da FBAUP desde 2006 até 2020.

De 2009 a 2019 lecionou Pintura como Professor Auxiliar Convidado na FBAUP (Faculdade de Belas Artes a Universidade do Porto).

De 2009 até à data presente leciona Desenho na FAUP (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto), como Professor Auxiliar Convidado.